

A LÍNGUA POPULAR E A GÍRIA BRASILEIRA E PORTUGUESA

Edith Pimentel Pinto

Se trabalhos de caráter teórico, a respeito de gíria, no Brasil são raros, mais ainda o são sobre a língua popular em geral.

Em 1939, na 1.^a série de seus *Estudos Filológicos*, Antenor Nascentes já fazia sentir a necessidade de compilar a gíria brasileira, dispersa em inúmeros estudos, tarefa a que ele próprio deu curso, em 1953, com *A gíria brasileira*. Hoje, mais de vinte anos passados, já se pode renovar o apelo, visto que o livro de Nascentes, utilíssimo e sério, está a requerer complementação. Falta um novo trabalho de compilação e de expurgo, que, partindo das obras ditas de caráter regional, permita estabelecer, afinal, o que é, de fato, gíria brasileira em nossos dias.

Este ainda não é esse trabalho. Empreendemos por ora a discreta tentativa de caracterizar a gíria brasileira — como um todo pressuposto — em face da gíria portuguesa. Procuramos, para tal, levantar alguns processos de formação gírica, no Brasil e em Portugal, no intento de encontrar os pontos de confluência ou de divergência, e verificar se se trata ou não dos velhos processos, próprios da língua portuguesa, em geral, cuja deriva se confirma no Brasil.

Apesar de este estudo não pretender, nem direta, nem indiretamente, fazer incursões no terreno de etimologia moderna (1), é impossível descurar o problema quando se trata de estabelecer o campo de trabalho: o que é a gíria brasileira? como separá-la da portuguesa? o critério pode ser o de considerar gíria brasileira apenas o que foi criado aqui? e com ou sem raízes lusas? e com ou sem contribuição de outras línguas, no caso de tais línguas também enriquecerem a gíria portuguesa? (2)

(1). — “A côté de l'étymologie-origine le XXe siècle a revendiqué l'étymologie histoire du mot” — BALDINGER, K., “La biographie des mots”, apud REY, Alain, *La lexicologie*, Paris, Klincksieck, 1970, p. 154.

(2). — BASTUJI, Jacqueline, “Aspects de la néologie sémantique”, in *Langages* — La néologie lexicale. Paris, Didier-Larousse, dez. 1974, 8^o ano, nº 36, p. 6.: “La néologie sémantique est un cas particulier de la polysémie, avec un trait diachronique de nouveauté dans l'emploi, donc dans le sens”

Como o joeiramento é, evidentemente, impossível, nos limites deste estudo, e bastante difícil mesmo fora dele, ficaremos no cotejo de traços, para salientar similitudes e oposições.

Esse, pois, o intento que perseguimos, a partir do escasso material de que dispomos.

A dificuldade de obter, a respeito da gíria portuguesa, obras sérias e completas, ameaçou, por muito tempo, a realização desse propósito. Afinal, de posse do *Dicionário de calão*, de Albino Lapa, com prefácio de Aquilino Ribeiro, que endossa a obra, e, visto que se trata de compilação, conforme declaração expressa do autor (3), concluímos que a certeza prévia da imperfeição deste primeiro estudo não poderia continuar a constituir pretexto consistente e honesto para eludir a tentativa.

No que se refere ao Brasil, por não dispormos de obra recente do mesmo tipo, recorreremos ao referido trabalho de A. Nascentes (4), completando-o com o de Euclides Carneiro da Silva (5), o de Felisbela da Silva (6), o de Ariel Tacla (7) e o de Souto Maior (8) e com recursos eventuais a outros, que, a seu tempo, mencionaremos.

Evidentemente, nessas condições, não poderíamos pretender conclusões definitivas. Todavia, se ficarem esboçadas algumas constantes que caracterizem e identifiquem a gíria brasileira em face da portuguesa, constituindo, assim, subsídio para os estudos a que nos dedicamos — a língua portuguesa no Brasil — já teremos avançado um passo na direção daquilo de que mais carecemos nesse terreno, a fundamentação dos fatos lingüísticos.

Cumprе esclarecer, ainda, que este é um trabalho predominantemente descritivo. Não nos preocupam, no momento, questões que, embora pertinentes, não poderiam ser aqui desenvolvidas em profundidade, como os problemas relativos à etimologia ou às viagens das palavras. E, se, mesmo como estudo descritivo, muita coisa nos es-

(3). — “Foi toda essa riqueza dispersa que nos abalançamos a coligir em forma de Dicionário, reunindo nele todas os termos já escritos, com rigorosa seleção, e juntando muitos outros novos...”, LAPA, Albino, *Dicionário de calão*, 2 ed., /Po:to/, Edit. Presença, /1974/, pp. 24, 25.

(4). — NASCENTES, A. — *A gíria brasileira*, Rio de Janeiro, Livr. Acadêmica, 1953.

(5). — SILVA, Euclides C. da, — *Dicionário da gíria brasileira*, Rio de Janeiro, Edições Block, /1973/

(6). — SILVA, Felisbela da — *Dicionário de gíria*, 5 ed., São Paulo, Edit. Prelúdio, /s.d./

(7). — TACLA, Ariel — *Dicionários dos marginais*, Rio de Janeiro, Gráfica Record Ed. 1968.

(8). — SOUTO MAIOR, Mário — *Dicionário folclórico da cachaça* — Recife, Of. de Mousinho Artefatos de Papel, 1973.

capou, isso nem sempre se deve à insuficiência das fontes, que não são as ideais, como já declaramos; deve-se, freqüentemente, ao desejo de pôr rapidamente em obra, sem mais tardança, aquilo que o perfeccionismo tendia a adiar indefinidamente, mas que, afinal, aqui está, para ser aperfeiçoado depois, com esforço nosso e colaboração de todos aqueles que nos julgarem merecedores dessa atenção.

O fundo comum luso-brasileiro.

A simples leitura de obras em que se arrolam termos de gíria brasileira e de gíria portuguesa revela, desde logo, a existência de um grande fundo comum. Ocorre, às vezes, uma ligeira diferença *fônica* (*porre* — B e *porré* — P) (9), ou *semântica* (*bicha*, com sentido de homossexual, nos dois países, mas também de fila de pessoas, em P); (10); ou *sintática* (*puxar a brasa pra sua sardinha*, B, e *puxar a brasa à sua sardinha*, P), mas, quase sempre, os termos são usados em perfeita consonância de intenção e situação: (11)

aliviado: indivíduo a quem se furtou qualquer coisa.

aliviar: furtar.

arame: dinheiro.

banana: indivíduo medroso, indolente.

bestunto: cabeça.

bicanca: nariz comprido.

bicho: estudante de 1º ano (dos liceus, em P).

bife: inglês.

cachola: cabeça.

caranguejo: automovel.

carioca: café fraco (12).

cebola: relógio de bolso.

chata: carteira de bolso.

chato: indivíduo importuno; piolho.

espetar-se: comprometer-se.

estar na sombra: estar p. eso.

fazer cera: mandriar, ganhar tempo.

(9). — Usaremos, no correr deste trabalho, as siglas B, para Brasil, e P, para Portugal.

(10). — Também no Rio de Janeiro se usa *bicha* na acepção de *fila*.

(11). — Não cabe aqui, dada a índole deste trabalho, a crítica das fontes, que, no entanto, pode e deve ser feita alhures, para, por exemplo, exclusão de termos dados como gíria, mas que o são, v.g., *galrar* e derivados, que consta em Albino Lapa, mas é o latim *garrulare*.

(12). — Dado que, conforme já assinalamos, não trataremos de estabelecer as viagens das palavras, não faremos distinção entre termos que vieram de P para B e termos que foram de B para P, como é o caso desta (*café carioca*) e de outras expressões (*amigo da onça* etc.)

forrobodó: baile ordinário.
fresco: invertido.
fuça ou *fuças*: cara.
gagá: velho tonto.
gorgomilo: garganta.
gramar: aturar.
grana: dinheiro.
grupo: mentira.
matar o bicho: beber um aperitivo.
matina: manhã, madrugada.
milho: dinheiro.
patavina: nada.
penosa: galinha.
prego: casa de penhores.
presunto: cadáver.
sabão: censura, reprimenda.
safardana: indivíduo sem escrúpulos.
ser um trouxa: ser ingênuo, fácil de enganar.
tira: policial.
xilindró (ou *chilindró*): prisão.

Na impossibilidade de apresentar aqui um levantamento, que, mesmo incompleto, seria exaustivo, tomemos como amostra, nas gírias portuguesa e brasileira, a mesma área semântica — a da cachaça, que é de caráter nitidamente popular, e que, pelos muitos eufemismos que a situação comporta, pode nutrir dicionários inteiros, como o de Souto Maior (13). Visto não dispormos, no momento, de obra semelhante para Portugal, levantamentos apenas aqui os termos arrolados por Albino Lapa, encontrados também em Souto Maior, com significação idêntica ou semelhante:

ardina, ardorosa: aguardente (P também *ardósia* e *ardose*)
açorda, B ou *assorda*, P: bebedeira.
azul, azulzinha, azuladinha, azulina: aguardente (uma espécie de).
borracheira: bebedeira, B, bêbado, P
borrachice: bebedeira.
cabeleira: bebedeira.
camoeca: bebedeira.
cardina: bebedeira.
carraspana: bebedeira.
chica, B ou *chiquita*, P: qualquer bebida alcoólica.
estar a meio pau: estar embriagado.

(13). — SOUTO MAIOR, Mário — *Dicionário folclórico da cachaça*, Recife,/Oficinas de Mousinho Artefatos de Papel/, 1973.

estar entre as dez e as onze: estar embriagado.
estar na chuva: estar embriagado.
gatos: bebedeira.
geribita, jeribita, jiribita, jerubita, B, giribita, P: aguardente.
gramática (dois dedos de . . .), B: aguardente; princípio de embriaguez, B.
grossura: bebedeira, P; *estar grosso*; estar embriagado, B.
malaio: bêbado, B, bebedeira, P.
mela: P ou *melé*, B: aguardente.
moafa: bebedeira.
peru: cachaça com vermute, B, *perua*, bebedeira, P.
piela: bebedeira.
pição: bebedeira.
pileque: bebedeira.
pitada: bebedeira.
piteira: bebedeira.
porre, B, porré, P: bebedeira.
rasca: bebedeira.
rosca: bebedeira.
tacharla: bebedeira.
terga: bebedeira.
turca: bebedeira.
vinagreira: bebedeira.
zanguriana ou *zangurina, B, zanguriana, P*: bebedeira.

Pela amostra se vê que muita precaução se requer antes de dar tal ou qual termo como gíria brasileira, ou como gíria regional brasileira. Ou então cumpre meditar numa definição de gíria brasileira que não padeça de tanta imprecisão.

Contribuição dos adstratos lingüísticos.

Afora esse grande acervo comum, constituído de formações herdadas, no caso do Brasil, ou de formações paralelas, a que o gênio da língua conduz as massas, cá e lá, há, ainda, coincidência na contribuição proveniente de adstratos lingüísticos.

Como é notório, nos dois domínios, a língua portuguesa está em situação de contacto geográfico com a castelhana, o que responde pela coincidência de muitos empréstimos correntes na gíria de ambos os países, como *bacana, B*, ou *bacano, P*, *charlar, B e P*, além de outros, específico do Brasil (*cambalachos, engrupir, entrevero*) ou de Portugal (*mirones, piropo*). A este propósito, convém notar que os castelhanismos vigentes na gíria portuguesa não pertencem especificamente à língua dos marginais, enquanto no Brasil os castelhanismos, —

sobretudo argentinismos — alguns dos quais depois caídos no uso geral, provêm da fala dos marginais: (14)

alarde: visita carcerária.

biaba: bofetada.

bobo: relógio.

bronca: escândalo, discussão.

campana: vigia.

escruncho: roubo com arrombamento, escalada ou chave falsa.

esparro: auxiliar de punguista (15)

(14). — Não pudemos compulsar, como já ficou dito, obra portuguesa específica da língua dos marginais.

(15). — Na falta de obras especializadas, da gíria castelhana dos vários países, respigamos alguns exemplos através da literatura, que nos foi mais acessível:

MÉXICO: — “cuatro bochincheros que tuvieron que morir juntos”, Fuentes, Carlos — *La región más transparente*, 10 ed. 4 reimpr., México, Fondo de Cultura Económica, 1969, p. 401.

Cf — *bochincho* ou *bochinche*, B: boato, baile reles, desordem, conflito

Nota — Este termo se encontra registrado, a seguir, na documentação referente a Cuba.

bochincheiro, B: o que frequenta bochinchos.

— ¿“Por que se le da la “lata” a nuestros semejantes?”

Cf.: *lata*: cara, B e P

dar (levar) *a lata*, B, mandar (ou ser mandado) embora (pelo namorado).

URUGUAI:

— “¿ Sabés que no se me había ocurrido? Pues es una idea buenísima.

Ahora es ella la que suelta la risa.

— Falluto”

BENEDETTI, Mario, *Gracias por el fuego*, Mexico, Ediciones Era, 1969, p. 21.

Cf. — *Fajuto* — B: falso, enganoso. Nota: Moderno. Não consta em A. Nascentes.

— “... punguista de siete años, caras de hambre. ” *Id. Ibid.* p. 56.

Cf. — *Puguista* — B, batedor de carteira. A. Nascentes acusa o correspondente argentino.

— “Ah, y este tipo¿ como se llama? Algo con elle. Collazo, no.

Callorda, tampoco. Calleriza, claro” *Id. Ibid.* p. 60.

Cf. *Calhorda*, B: tipo duvidoso e antipático; *calhordas*, P: indivíduo desleixado.

— “Pero, muchacho, ¿qué bicho te ha picado?” *Id Ibid.* p. 63.

Cf. *Que bicho te picou?* — B, expressão familiar, pergunta a quem se mostra inexplicavelmente aborrecido, irritado. Apesar de ser expressão corrente, não está registrado em nossas fontes.

— “Y si viera qué barato!” *Id. Ibid.* p. 68.

Cf. — *Barato*, B: tudo que é muito bom, interessante ou fora do comum.

— “Lo más sentimental que le dije, fué: Sos bárbara vos” *Id. Ibid.* p. 76.

À guisa de curiosidade, notem-se as expressões: *sou jô* e *soiene*, B, por: sou eu.

Outra observação importante, a respeito de castelhanismos, é a dúvida que lançam, quanto à origem de certos termos e expressões, que correm como brasileiros ou luso-brasileiros, à falta de pesquisas

Cf. *Bárbaro*, B: excelente, extraordinário. Moderno. Não consta em A. Nascentes.

“... y por otro lado aprovechar al máximo el trabajo pichincha del cuhmaje latinoamericano” *Id. Ibid.* p. 78.

Cf. *Pechincha* ou *pichincha*, B, P: coisa obtida por preço insignificante. A. Nascentes, discute a origem obscura da palavra, talvez ligada a *pequeno* (G. Viana), pronunciado nos Açores aproximadamente como *pitchencho*. *Dic. Etimológico da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, /s.Ed./, 1932, p. 601.

— Cid Franco registra a expressão como gíria e dá exemplos de Garrett e C.C. Branco, com sentido um tanto diverso: *pechinchar*, v. int'ans.: lucrar sem esperar ou merecer; obter. *Dic. de expressões populares brasileiras*, SP, Ed. Unidas /s.d./, vol. III, p. 74.

— “había una rubia descomunal que no me daba pelota” *Id. Ibid.* p. 145

Cf. — *Dar pelota*, B: oferecer oportunidade; demonstrar simpatia ou confiança.

ARGENTINA:

— “... y el que crea que macaneo se puede ir a freir buñuelos”

CORTAZAR, Julio, *Final del juego*, /10 ed./, Buenos Aires, Editorial Sudamericano, 1970, p. 117

Cf. — *fritar bolinho* (ser de.), B: ser molengo, ser incapaz de fazer coisa útil; ocupar-se de tolices. Apesar de ser expressão muito usual, só Felisbela Silva a registra.

— “Estábamos nerviosísimas con la expectativa y José pagó el pato” *Id. Ibid.* p. 191.

Cf. — *Pagar o pato*, B e P: ser a vítima.

CUBA:

— “... me dieran ganas de romperle la cara por la frescura y la sinberguensería”.

CABRERA INFANTE, G. — *Tres tristes tigres*, 3 ed., Barcelona, Editorial Seix Barral, 1969, p. 29.

Cf. — *frescura*, B: emproamento; gaiatice; impertinência.

— “Me alegré, verdá. Yo, en el duro” *Id. Ibid.* p. 43.

Cf. — *no duro*, B: com toda certeza.

— “... pensando que puede o no puede haber una bronca.” *Id. Ibid.*, p. 77.

Cf. — *bronca*, B: repreensão, censura

P: bebedeira; *encrenca*, sentido que parece ser o do texto

— “De verdá, dice Silvestre con su cara de palo” *Id. Ibid.*, p. 141.

Cf. — *cara de pau*, B: cínico

— “... ¿no ves que este niño te está tomando el pelo?” *Id. Ibid.* p. 141.

Cf. — *tomar o pelo*, B: divertir-se à custa de alguém, ironizando

— “... y arma tremendo bochinche.” *Id. Ibid.* p. 208.

no campo da etimologia histórica ou da geografia lingüística. A vigência, aqui e ali, em toda a América de língua castelhana, dos mesmos termos e expressões, sugere a possibilidade de tratar-se de panamericanismos, decorrentes de um fundo comum ibérico (16).

Enquanto é fartíssima a contribuição da gíria de origem castelhana, é escassa a das línguas indígenas e africanas — adstratos geográficos muito mais íntimos, porque de caráter interno, ao nível popular. Note-se, inicialmente, que alguns de tais empréstimos continuam constituindo objeto de dúvida, quanto ao seu étimo verdadeiro, o que, no momento, não nos preocupa muito, pois aqui se trata de levantar a contribuição dos adstratos (e isso não padece dúvida) em termos de usual (17). Deste ângulo, verificamos que os empréstimos indígenas (verdadeiros ou falsos), assim como os africanos (*idem*), têm pouco relevo na gíria, restringindo-se, os africanismos, a línguas técnicas — o jargão das comunidades místicas, por exemplo.

Termos tupis (?), usados com alguma freqüência:

arataca, B: cacete, bordão, amadilha.

babaquara, B: palerma.

boitatá, B: demônio.

caipora, B: infeliz, azarado.

capenga, B: manco.

Africanismos usuais, sobretudo em comunidades mística dos quais poucos correm na língua comum:

alufa, B: sacerdote de umbanda.

amalá, B: comida de santo.

babá, B: mãe de santo.

babalaó, B: pai de santo.

babalorixá, B: espírito encarnado.

caboré, B: menino.

caçamba, B: veículo velho.

caçambar, B: delatar (SP)

candango, B: a princípio, português; depois, qualquer pessoa de fora (pejorativo)

(16) — Cf. a nota anterior.

(17). — Cf. por exemplo, o étimo de *cafundó*, de origem africana, segundo G. Viana, ou ligado a *fundo*, para Amadeu Amaral; *catimbar*, *catimbeiro*, *catimbó*, de origem africana, para uns, indígena, para outros. — NASCENTES, A. — *A gíria brasileira*, Rio de Janeiro, Livr. Acadêmica, 1953, pp. 26 e 37-38.

candomblé, B: sessão de médiuns.
cangerê, B: feitiço.
curinga, B: carta de valor variável.
saravá, B: saudação amistosa.

Nenhum desses termos está registrado em Albino Lapa. E, no Brasil, seu uso restrito não causa espécie, pois, embora devidos a adstratos de íntima contigüidade, não provêm de língua de prestígio, nunca vicejaram no submundo urbano dos grandes centros, mas apenas permanecem, tradicionalmente, no seio de certas comunidades fechadas, nem sempre lícitas.

Exatamente o contrário ocorre com os termos tomados por empréstimo a línguas estrangeiras, sobretudo de origem francesa, e, mais recentemente, norte-americana — muitos deles vigentes em B e P — pois se trata de um fato de ordem cultural, de âmbito universal: (18)

bai-bai (by,by), B: até logo.
bangue-bangue (bang, bang), B: pistoleiro; tiroteio.
beque (bec), P: nariz.
big (big), B: grande, extraordinário.
bói (boy), B: grumete (antigo); homossexual.
bos (boss), B: patrão, chefe.
brete, B, *brété* ou *brite*, P (bread?) — pão.
cabeça de turco (tête de turc), P: o que arca com a responsabilidade.
cachê (cachet), B: remuneração do artista, por apresentação ou por dia.
canife (canif), P; canivete.
charme, *charmoso* (charme), B: encanto, atração, faceirice.
checape, *checar* (check up), B: exame médico completo.
chelipe (sleep), P: dormir; sono.
cófe (coffee), B: café.
craque (crack), B: atleta notável.
dogue (dog), B, P: cão
dancing (dancing), B: casa de danças (pagas).

(18) — “Le prestige de l'étranger auprès du public explique le recours fréquent à des mots anglo-saxons ou à la coloration anglo-saxonne” — FEYRY, Monique “La néo'logie — L'anglomanie dans les marques et les raisons sociales françaises”, in *La banque des mots*, Revue de terminologie française, Paris, Conseil International de la langue française, no 6, 1973, p. 125.

- drible* (drible), B: negaceio, finta (19).
drincar, dringue, drinqueto (drink): beber; aperitivo.
esnobação, esnobar (snob), B: ostentação, jactância; ostentar, jactar-se.
espíquer (speake^r), B: locutor.
fan (fan), B: torcedor; P: torcedor de futebol.
fachilaite (flash light), P: lanterna.
gigolô, gigolete (gigolo), B: homem, mulher que vive às expensas do sexo oposto.
gilete (Gillette, marca de lâminas para barbear), B: pederasta ativo e passivo.
grogue (grog), B: embriagado.
habituê (habitué), B: freqüentador.
iess, iá, iaiá (yes), B: sim.
limosa (lime, limace), P: camisa (20).
moá (moi), P: eu.
mônei, B, *móni*, P: (money): dinheiro.
naifa, (knife), B, P: faca.
naite (night), B: noite.
pôster (postere^r), B: cartaz.
prise (prise), B: dose de cocaína.
ragu (ragout), B: comida.
rali (rally), B: corrida de automóveis.
rendevu, rendeva (rendez-vous), B: lugar de encontros clandestinos.
rififi (rififi), B: confusão.
róbi (hobby), B: passatempo predileto.
soçaite (society), B: alta sociedade.
teipe (tape), B: fita gravada.
travesti (travesti), B: homossexual.
trotoar (trottoir), B: passeio de meretrizes em busca de fregueses.

Note-se que, no Brasil, onde a gíria é extremamente aberta aos estrangeirismos, aos quais nenhuma resistência se opõe, como em Portugal, a integração deles à língua se faz, principalmente, por adaptação fônica (*teipe, trotoar*), e o vocábulo passa a regular-se pela norma da língua popular (*rendevu*, encurtado, em *rendeva*); secundariamente, traduz-se o termo (decalque: *dentro (in) fora (out) quente (hot) quadrado (square)*); raramente se faz adaptação pela grafia (*mônei*). Evidentemente, os mesmos processos vigoram em Portugal, onde se notam algumas adaptações pitorescas, como *barrujo (vin rouge), che-*

(19). — Poder-se-ia acrescentar, aqui, quase toda a língua do futebol.

(20) — O uso do termo pressupõe conhecimento de gíria francesa: de *lime*, por alongamento, *limace*, donde o português *limosa*. Cf. — DAUZAT, Albert, *Les argots*, Paris, Delagrave, 1946, p. 106.

lipe (sleep), limosa (limace) — em que pode ter entrado alguma analogia com limo.

Muito menor contribuição de empréstimos culturais se deve, por motivos notórios, a línguas de menor prestígio que o inglês e o francês, em nossa área de influência cultural, como é o caso do alemão e do italiano:

blitz, B: batida policial rápida.

gute, P: bom.

bambino, bambina, B: menino, menina.

paúra, B: medo.

Todavia, a maior parte dos estrangeirismos não se localiza na gíria, mas na língua técnica dos esportes, do jornalismo, da publicidade e da propaganda, como já foi referido por Pierre Guiraud e Monique Feyry, em relação à França (21).

Ainda quanto aos estrangeirismos cultos, mas ligados diretamente às línguas clássicas e a fontes de acesso intelectual, observem-se os seguintes exemplos:

antípoda, P: sapateiro.

autópsia, B: revistar um suspeito; P: retirar todos os valores que a vítima traz.

búzios, P: atestado médico; ouvidos.

calcântibus, P: pés.

caronte, P: aluno do quinto ano da Universidade.

ditongo, P: pão pequeno.

editor responsável, P: o marido.

éditos de todos os dias, P: as refeições principais.

entrar na vinha do Senhor, P: embriagar-se.

iconoclasta, P: desfrutado, trocista.

logaritmos, P: bolos ou pastéis de bacalhau.

minotauro, P: marido enganado.

noé, B e P: embriagação.

par de França, P: marido e mulher ridicularmente vestidos.

paupéribus, P: pobre.

rapsódia, P: sopa miscelânea.

sem clorofila, P: pessoa pálida; sinaleiro.

tangente, P: estudante que passa com a nota mínima.

uretra, P: matrícula geral na Universidade.

(21). — FEYRY, Monique, *Op. Cit.*, passim.

— GUIRAUD, Pierre, *L'argot*, Paris, Presses Universitaires de France, 1958, pp. 87, 88.

Como se vê, este é um tipo de formação tipicamente português, que permite estabelecer contraste com a gíria brasileira, pois evidencia, no conjunto geral da língua popular, a contribuição tradicional e prestigiosa do calão universitário, o que não ocorre no Brasil (22). Aqui os grupos produtores de gíria mais profícuos e influentes são o dos marginais, dos boêmios, dos sambistas, dos futebolistas, dos jornalistas. Deve-se a estes, possivelmente, a maioria das formações cultas, que não são vivazes, como as portuguesas, mas de existência efêmera: (23).

balzaquiana, B: mulher de mais de trinta anos.
congeminhências ou *conjuminhências*, B: imprevistos, circunstâncias inesperadas (24).
fosforescência ou *fosforecência*, B: ignorância palavrosa.
frontispício, B: face, cabeça.
mirabolância, B: espalhafato.
paganini, B: o que paga bebida.
parafernália, B: confusão, desordem.
pirandelo (dar o...), B: fugir, escapar.
prosopopéia, B: frises pomposas, subterfúgios.

Em muitos destes vocábulos percebe-se que a simples analogia fônica comandou a formação — *paganini-pagar*; *pirandelo-pirar* (verbo este comum à gíria portuguesa) — enquanto em Portugal se trata de relação abstrata: *rapsódia-sopa miscelânea* — metáfora, de que trataremos noutro ponto deste trabalho. Esta é, pois, uma das mais expressivas diferenças entre a gíria brasileira e a portuguesa. Outras se podem notar, ainda, nos processos de formação.

(22). — Empregamos, aqui, o termo *calão*, no sentido português, como sinônimo de gíria, e não no sentido brasileiro, especializado, depreciativo.

(23). — Zdenek HAMBEJS, estudando a gíria jornalística, exemplifica fartamente a produção de neologismos cultos devidos a essa fonte: *africanização*, *alarmismo*, *astronave*, *autarquização*, *autodeterminar*, *autofinanciável*, *baianês*, *calamitado*, *cariocada*, *chargista*, *co-fundador*, *desacumulação*, *desbrasilizado*, *desincompatibilizar*, *desinflacionário*, *dietista*, *ejetar*, *endividamento*, *esburacamento*, *esquerdizante*, *estrelato*, *flager*, *liberalização*, *marginalização*, *negatividade*, *nutrólogo*, *parabenizar*, *paraíba*, *paulistanismo*, *repeteco*, *representatividade*, *seletividade*, *subdesenvolvimentista*, *zoneamento*, etc. etc.

HAMPEJS, Zdenek — “Alguns neologismos e peregrinismos do Português do Brasil”, in *Letras*, Rev. dos Cursos de Letras da Fac. de Fil. da Univ. do Paraná, Impr. da Univ. do Paraná, 1961, nº 12, pp. 49 a 66.

(24). — Os vocábulo são registrados, neste trabalho, tais como se encontram nas fontes, embora estas, às vezes, incorram em certas hesitações e incoerências. Assim, Albino Lapa consigna *frageca* e *frajeca* (medo).

Processos de formação

Os processos de formação de qualquer gíria são os processos normais de formação da língua em questão, como já assinalava Dauzat, em relação ao francês (25). O que se pode observar a este respeito é, pois, a preferência por este ou aquele processo, como característica de determinada gíria.

1 — *Supressão de fonemas*

Uma das formas de *encurtamento* do vocábulo consiste em suprimir fonemas iniciais, como ocorre mais freqüentemente no Brasil que em Portugal:

- (al) *cagüeta*, — *cagüetar*, — *cagüetagem*, B: delator, delatar, delação.
- (al) *coviteiro*, B: telefone.
- (a) *fanar*, P: roubar
- (a) *güento*, B: castigo, corretivo.
- (a) *bistruz* (abestruz), B.
- (bu) *lhufas*, B: nada.
- (coi) *tadinho*, B: coitadinho.
- (des) *forra*, B: desforra.
- (en) *grupir*, B: enganar.
- (en) *rustir*, B: esconder; P: comer, enganar, esconder, disfarçar
- (es) *tá*, B: em várias locuções:
 - tá ca cachorra*: estar possesso
 - tá na cara*: é evidente.

Muito mais produtiva, porém, é a redução de fonemas finais, característica das línguas populares contemporâneas, segundo Dauzat (26):

- advoga*, por advogado, P
- algiba*, por algibeira, P
- bici*, por bicicleta, B.
- boteco*, por botequim, B.
- cápita*, por capitão, B.
- carná*, por carnaval, B.
- cómico*, por comissário, P
- comissa*, por comissário, B.
- comuna*, por comunista, B.

(25) — *Op. Cit.* p. 90.

(26). — “Il les abrège surtout par le développement systematique d’une tendance propre à la langue populaire contemporaine” *Op. Cit.* p. 46.

condiça, por condição, B.
conduça, por condução, B.
confa, *confusa*, por confusão, B.
congesta, por congestão, B.
coque, por coquetel, B.
cruza, por cruzei:ro, B.
delega, por delegado, B.
digesta, por digestão, B.
disgra, desgraça, B.
estala, por estalagem, P.
estranja, por estrangeiro, B.
expô, por exposição, B.
fanico, por faniquito, P.
fla, por Flamengo, B (clube esportivo)
facha, por fachada, B e P
flame, por flamengo, P (queijo).
flu, por Fluminense B (clube esportivo).
fraga ou *fragra*, por flagrante, B e P
gabi, por gabinete (de Investigações), B.
gafi, por gafeira, B.
gonô ou *guinô*, por gonorréia, B.
gorja, por gorjeta, B.
ínfia ou *infiosa*, por infantaria, P.
intréper, por intérprete, P
investiga, por investigador, B.
janê, por janeiro, B.
japa, por japonês, B.
jorna, por jornada, P
lárias, por laranjas, P
latrô, por latrocínio, B.
louca, por loucura, B.
mala, por malandro, B.
maneca, por manequim, B.
*margin*a, por marginal, B.
matusa ou *matusca*, por matusquela, B.
metralha, por metralhadora, B.
motoca, por motocicleta, B.
neura, por neurastenia, P
ota, por otário, B.
paco, por pacote, B.
padre, por padeiro, P
paixa, por paixão, B.
pornô, por pornografia, B.
portuga, por português, B.

prisa, por *prisão*, B.
rufia, por *rufião*, B.
sacaná, por *sacanagem*, B.
salafra, por *salafração*, B.
sarja, por *sargento*, B.
satisfa, por *satisfação*, B.
subre, por *sobretudo*, P.
sugesta, por *sugestão*, B.
transa, por *transação*, B.
tusta, B e *tusto*, P, por *tostão*.
xilim, por *xilindró*, B (27).

Observe-se que a deformação por truncamento final (segundo a nomenclatura de Guiraud), se dá em *substantivos* (28).

Note-se, nesse rol de vocábulos resultantes de truncamento, alguns casos de *metátese*, relacionados com a posição do fonema *r*: *gorja* (*gorjeta*) B, *intréper* (*inérprete*), *padre* (*padeiro*), P, exatamente como ocorre na França: *areo*, por *aero*, forma, aliás, que se usa no Brasil até no coloquial familiar (29).

Outras alterações fonêmicas expressivas são:

azambrado (ajambrado?); homem desajeitado, P
binho: vinho, P
bacaiiau: bacalhau, B (30)
bão: bom, B.
barrido: varrido B.
bistruz: avestruz, B.
biúvo, *biúva*: viúvo, viúva, B.
berda-merda: barda-merda, B.
brexó: belchior, B.
fussar: fossar: procurar, esmiuçar, B.

(27). — Constitui comprovação das referidas palavras de Dauzat, quanto à modernidade deste processo, o fato de que A. Nascentes registra, das deformações supra, apenas 18: *boteco*, *comuna*, *condiça*, *cruza*, *disgra* (e *disga*), *estranja*, *facha*, *fla*, *flu*, *flaga-fragga*, *louca*, *ota*, *paco*, *paixa*, *portuga*, *rufia*, *satisfa* e *xilim*.

(28) — *Op. Cit.* p. 75.

(29) — GUIRAUD, Pierre, *Op. Cit.* p. 89.

(30) — Florisbello da Silva registra *bacalhau*: mulher magra; vagina; e *bacaiiau*: chicote, como se se tratasse de termos diversos...

Note-se que não reservamos uma parte especial deste trabalho para a prosódia, porque as fontes, com raras exceções, não fornecem elementos. Ariel Tacla registra verbos no infinitivo sem *r* final (*achacá*, *acendê*, etc) e alguns vocábulos e locuções como: *butão*, *drento*, *miriti* (*meretíssimo*) *ozente* (ó gente), *píssico*, (psico) *quaji*, *sastifa* (*satisfa*) *xente* (gente), *os home*, *ozóio* (os olhos), *maldilazo* (mal de Lázaro), *sacomé* ou *sacumé*, (sabe como é), *simidão* (se me dão), etc.

gaipira: (caipira?): mal vestido, andrajoso, roto, P.
gilapiga: geropiga, P.
lupes, núpcias, P.
mironga: milonga, B.
mocalo: cavalo, P.
paia: palha, P: conversa desinteressante, engodo, mentida *puxar a paia*: dormir.
panza: pança, P.
pioiento: piolhento, B.
pirula: pílula, B e P.
subre: sobre, forma truncado de sobretudo, P.

Note-se que a redução do ditongo *-ei-*, medial, tônico ou átono, ocorre em B e P (*bera* por *beira*; P: indivíduo ordinário; coisa sem valor, insignificante; *manerar*: ir com jeito, com calma, B), enquanto a do ditongo *-ao-* constituído de preposição e artigo, só ocorre em P: *armar ó efeito* (ao): dar ares de importância; *queres mama, vai ó Gama*: recusa de dinheiro.

A deformação do significante, por truncamento, tem reflexo estrutural e acarreta, muitas vezes, acomodação acentual. O tipo mais freqüente de acomodação é o que se refere aos *oxítonos* em *-ão*, que, talvez por analogia com o sufixo aumentativo (*ão*) em relação ao grau dito normal, desenvolvem uma forma *paroxítona* em *-a* (única exceção, em *-o*: *tostão* — *tusto*, P):

paixão: *paixa*, B.
sugestão: *sugesta*, B, etc.

Por sua vez, inúmeros *paroxítonos* desencadeiam, por truncamento, *oxítonos*, processo feracíssimo na gíria brasileira e praticamente ausente da portuguesa, constituindo, por isso, um dos pontos básicos de distinção das duas gírias:

fevereiro: *feverê*, B.
janeiro: *janê*, B.
latrocínio: *latrô*, B.
miséria: *miserê*, B.
pornografia; *pornô*, B, etc.

De *paroxítonos*, podem, porém, resultar outros *paroxítonos* — fato comum aos dois domínios:

advoga, algiba, fanico, flame, jorna, neura, subre, etc, P
comissa, cruza, delega, estranja, mala, paco, salaфра, etc, B.

Já a formação de *proparoxítonos*, por recuo de acento, após truncamento do vocábulo, é rara e geralmente pode ser explicada por outro fator: (31)

cômico, de *comissário*, P, é, evidentemente um depreciativo, devido a analogia fonológica.

cápita, por *capitão*, B, está sob visível influência de *cabeça* (32)

Quanto ao acento, é pois, de salientar a manutenção de porcentagem maior de *paroxítonos* — característica geral da língua — em relação aos *oxítonos* e *proparoxítonos*, estes em minoria em ambas as gírias, mas relevantes na portuguesa, enquanto aqueles são extremamente vivazes nas duas, como resultado de redução fonêmica, ou de outros tipos de formação:

bebum, B: bêbado.

bidu ou *bedu*, B: adivinho.

bebeléu, B: a morte, o outro mundo.

borocoxô ou *borocochô*, B: velho, fraco, impotente.

caguê, P: medo.

caraminguá, B: dinheiro.

choné, P: maluco.

chulapé, P: gatuno.

churré, P: adolescente.

coió, B: idiota.

fuá, B: confusão, briga.

fumacê, B: fumador de maconha.

fuzuê, B: briga, barulho.

gabilé, P: dinheiro.

gadê, P: fortuna.

lamerê, P: reprimenda.

lerê, P: vinho.

lirei, P: maluco.

liró, P: janota.

(31). — Vários estudos dão conta do frequente truncamento de *proparoxítonos*, nos dois domínios, mas principalmente no Brasil, como fato corrente na língua popular.

Cf. TONIOLO, Ennio José, "Proparoxítonos populares", in *Littera*, Rio de Janeiro, Grifo, nº 11, maio-agosto, Ano IV, 1974, pp. 95-96.

(32). — Além da forma *proparoxítona*, ouve-se também a *paroxítona*: *capita*.

manês, P: homem.
mané, P: boticário.
mocó, B: coisa escondida; esconderijo; maconha.
parangolé, B: conversa desinteressante.
pioé, P: gatuno novato.
porré, P: bebedeira.
pororó, B: dinheiro.
salsifrê, P: baile ordinário.
taró, P: frio.
toró, B: temporal.
totó, B: surra.
transiné, B: por trás.
xodó, B: namoro.
zagrê, P: vinho.
zaré, P: embriagado.
ziriguidum, B: samba.

Ao passo que os *oxítonos* são muito abundantes, podendo dizer-se que constituem a mais expressiva formação popular brasileira, os *proparoxítonos* escasseiam: em geral, ou são termos de uma língua técnica (33) ou se devem a uma eventual deslocação acentual, para efeito de intensificação (*esquêsito*, *melódia*, *ventânia*) (34); ou, ainda, são formações longas, sob modelo de *antipático-simpático*: *circuncir-fláutico*, *escalafobético*, *esquipático*); ou, finalmente, são superlativos (35).

Ao contrário, em Portugal, a formação de *proparoxítonos* é expressiva, ainda acrescida daqueles que se devem à deslocação de acento, como, *Lísbia*, por Lisboa: (cf. nota 34)

alétarga, P: gritaria.
bécula, P: taberna; papalvo, saloio.
bitáculo, P: nariz, cara.
endrómina ou *indrómina*, P: mentira; mentiroso.
gáfete, P: meio tostão.
ganízaro ou *janízaro*, P: mariola, manganão.
pápulo, P: jornal; testamento; escritura; qualquer papel escrito.
pécora, P: mulher muito emproada; amante; concubina.
pindérico, P: homem ou mulher pobre.

(33). — Cf. nota 23 p. 28.

(34). — Neste trabalho, são considerados *proparoxítonos* os vocábulos terminados em hiato, que se resolve em ditongo crescente, por recuo do acento, como *ventania-ventânia*.

(35) — Cf. p. 47

pontífice, P: cigarro.
estúrdia, P: pândega, brincadeira.
falépias, P: notas de banco.
fumílio P: tabaco de fumo.
gábio, ou *gabéu*, P: chapéu.
gídio, P: bom, belo.
lárias, P: laranjas.
laudácia, P: bebedeira.
lávio, P: lenço.
lósbia, P: bofetada.
púrrio, P: bêbado.
sêmea, P: pão.

2 — Troca de fonemas

Bem menos expressiva que a formação por truncamento é a que se vale de troca de fonema ou grupo de fonemas:

degavarinho, B: devagarzinho.
fidunto, B: defunto.
ganfaria, P: garrafa (com -n- infixal parasitário).
patiló, B: paletó.

3 — Introdução de fonemas

A deformação do significante, por introdução de um fonema parasitário, ocorre, no Brasil, até em nível de língua formalizada (*pe-neu*, *substituto*, etc), quase sempre para desfazer uma seqüência consonantal:

caften: cafetão, cafifa, cafiola, cafiolo.
caftina: cafetina.
táquis: taxi.

Em Portugal, o que se dá, mais freqüentemente, é a introdução de um infixo nasal (-n-) parasitário, que quase sempre pode ter explicação a partir da estrutura do próprio vocábulo:

angonia (agonia?): falta de dinheiro.
angüentar (Minde): agüentar.
ganfarra: garrafa.
ganforina: gaforina.

O acréscimo de fonemas iniciais, que parece contrariar a tendência moderna, mais forte, de supressão, apresenta pouco relevo nos

dois domínios. Ressalte-se, apenas, no Brasil, a voga atual dos prefixos *mini-*, *maxi-*, *super-*, *hiper-*, a que voltaremos, quando tratarmos dos processos de intensificação; e, em Portugal, os neologismos de formação parassintética, segundo a norma da língua: *acagalizado*: atemorizado, *incarrapacível*: intolerante, etc.

A sufixação, dita parasitária por P. Guiraud (36), processo de alongamento do vocábulo, que não está entre os preferenciais da gíria brasileira, inclinada à tendência oposta, é, sem dúvida, o de mais alto relevo em Portugal, onde se recorre a sufixos normais na língua, e a novos *sufixos*, sem raízes etimológicas, uns e outros somados, não somente a nomes, mas também a pronomes e advérbios, exatamente como ocorre na gíria francesa (37):

- *acho*, *acha*: *gadacha*, pedaço de pão; *galrachas*: dedos; *gamacho*, *gamacha*: rapaz, rapariga; *garnacho*, polícia; *garracho*, unha, mão.
- *ame(s)*; *orelhames* orelhas; *baixames*, dinheiro.
- *anço*: *gamanço*, roubo; *mestranço*, os mestres.
- *ango*: *mesango*, mesa.
- *anho*: *gadanho*, garfo; *gadanhos*, dedos; *escarramanho*, escarro.
- *anto(s)*, *anta*: *cimantos*, em cima; *horanta*, hora.
- *ante(s)*: *notante*, nota; *lonjantes*, muito longe; *vezante*, vez.
- *arro*, *arra*: *galfarro*, agente de polícia; *galfarras*, dedos; *gomarra*, galo, galinha; *gomarras*, ovos.
- *chim*: *gadachim*, unhas.
- *eco*: *nerveco* (estar com.) nervoso.
- *ele(s)*: *cuele*, *cueles*, casa; *baixeles*, dinheiro; *magareles*, homem ou mulher.
- *elo*, — *ela*: *grandela*, armazém.
- *emes*: *dentremes*: bolso interior do casaco ou colete.
- *ica*: *larica*, fome.
- *ila(s)*: *larila*, *larilas*, indivíduo efeminado.
- *iles*: *quiles*, casa; *branquiles*, branco.
- *ilhas*: *costilhas*, costas.
- *ina(s)*: *gualdinas*, calças; *gabulina*, provinciano.
- *ines*: *aguines*, mulher atraente; *baguines*, dinheiro; *donguines*, meretiz; *triguines*, de trás.

(36). — *Op. Cit.*, p. 70 e ss.

(37). — *Id. Ibid.*

- *inha(s)*: *gadinhas*, mãos.
- *isca*: *lanisca*, ovelha.
- *ites*: *buchites*, comilão.
- *nes*: *guernes*, partes sexuais da mulher.
- *oco*, — *oca*: *landoca*, mulher pouco asseada.
- *ola*: *brigadola*, polícia; *gardinhola*, bebedeira; *grandola*, janela; *granjola*, rapaz crescido, com aparência de menino; *grafonola*, a esposa; mulher que fala demais.
- *onga*: *pastonga*, pasta.
- *onho(s)*: *castronhos*, pés.
- *orra*: *ganchorra*, mão; *gruchorra*, posição difícil.
- *oso*, — *osa*: *batosas*, mãos; *bichosa*, cabeça; *gatosa*, bebedeira; *lanchosa*, refeição; *gargantosa*, garrafa; *larosa*, manteiga; *malosa*, mala; *mantosa*, manta; *tamposa*, tampa (39).
- *ota*: *larota*, indivíduo efeminado.
- *otes*: *gingote*, velho.
- *punha(s)*: *gadapunhas*, mãos.
- *ques*: *fornicoques*, desejos.
- *ucho*: *galucho*, cigarro, soldado.
- *ude*: *garrude*, rapaz, garoto.
- *udo*, — *uda*: *lanzudo*, ignorante.
- *ula(s)*: *garulas*, pernas.
- *ulho*, — *ulha*: *grulha*, pessoa muito falante; juiz; inglês; *pe-u*; *vasculho*, pessoa desprezível.
- *uncho*, — *uncha*: *gravatuncha*, gravata; *chegaduncho*, muito chegado; *faduncho*, fado; *fatuncho*, fato, roupa.
- *unfa*: *escadunfa*, escada.
- *unho*, — *unha*: *brancunho*, branco; *escadunha*, escada; *gadunhas*, mãos; *gardunho*, guarda; *gatafunho*, letra mal feita; *mesunha*, mesa.
- *urdo*: *gadurdo*, porco, sujo.

Observe-se que muitos destes sufixos terminam em *-s*, que pode ocorrer também como índice único de alongamento (sem idéia de plural), e, ainda, sobrepor-se a outro sufixo:

Apalhins: África.

bolas (um.): indivíduo sem importância.

caganitas, homem pequeno.

calhordas: indivíduo desleixado.

(39). — Observe-se que este sufixo, como tantos outros, só excepcionalmente exerce a função consagrada pela norma gramatical (*gargantosa*: que tem garganta). Geralmente exerce a função exclusiva de alongar o vocábulo.

camones: inglês.
coisas, indivíduo cujo nome se ignora.
fuscas, noite.
nimas (animatógrafo), cinema.
cim-anto-s, acima, em cima.
dentr-eme-s, bolso interior.
escarr-am-ancho, escarro.
for-anto-s, fora de casa.
lonj-ante-s, muito longe.
pes-unh-ado, pontapé.

Tais sufixos, além de alongar nomes e um ou outro adjetivo verbal (*chegadunho*, forma intensiva), aplicam-se também a outras classes gramaticais como:

pronomes tu — *toiene* (40).
vos — *vosaltres*.
todos — *totelicante*.
tudo — *trudeles*.
advérbios: aqui — *acache*, *aquera*, *aquines*
ali — *alines*, *alimer*
em baixo, por baixo — *baguines*
em cima, acima — *cimantos*
dentro de casa — *dentrávias*
fora de casa — *forantos*
muito longe — *lonjantes*
tarde — *tarduncho*
atrás — *triguines*
não — *nejo*, *nanja*, *nanjar*
nada — *nadantes*, *nanai*, *neles*, *nentes*, *népia*
nicho, *nicles*, *ninde*, *patavina*.

Note-se que, na área da negação, também no Brasil há proliferação de formas: *neca*, *néris*, *nerusca*, *nicles*, *nim*, *níquel*, *patavina*.

Já o alongamento por sufixação é muito menos expressivo, qualitativa e quantitativamente, na gíria brasileira:

— *aca*: *baitaca*, grande, excelente.
— *acho*: *esculacho*, crítica severa.
— *ância*: *caganifância*, coisa sem valor.
— *anga*: *burun'anga*, coisa sem valor; *bruzundanga*, pessoa sem valor.
— *ata*: *ondata*, moda.

(40) — Cf. a forma brasileira *siene*, sou eu, referida na p. 23.

- *eba*: *mandureba*, cachaça.
- *eta*: *recueta* (dar a. .), recusar.
- *ex*: *prafrentex*, avançado, moderno.
- *ico*: *milico*, militar.
- *ina, ino*: *ardina*, cachaça; *batatulina*, com certeza; *gaitolina*, dinheiro; *vagolino*, malandro; *vivaldino*, intrujão esperto.
- *oca*: *bicharoca*, pederasta; *bolostroca*, coisa mal feita.
- *óide*: *molóide*, moleirão; *zebróide*, indivíduo pouco inteligente.
- *ola*, — *olo*: *bandola*, banda; *curriola*; turma; *cachola*, cabeça; *baitolo*, pederasta.
- *ongo*: *mocorongo*, caipira, indivíduo desajeitado.
- *ória*: *canória* (entrar em.), ir preso.
- *osa, oso*: *ardosa*, cachaça; *bananosa*, miséria; *bufosa*, arma de fogo.
- *ota*: *cervejota*, cerveja.
- *que*: *rabistequê*, *rabiosquê*, rabo.
- *uca*: *brasuca*, brasileiro
- *ucha*: *canucha*, cadeia.
- *udo*: *classudo*, de muita classe; *estreludo*, de muita sorte.
- *uga, burruça*: depreciativo de português.
- *ulho*: *bagulho*, resto, coisa insignificante, pessoa em estado lastimável; coisa furtada.
- *uncho*: *tiruncho* (tira), policial.
- *usca*: *delerusca*, delegado.

Vê-se que a sufixação parasitária, no Brasil, não apresenta a originalidade criativa que se observa em Portugal. Evidentemente, coincidem, ambas as gírias, na utilização dos sufixos normais da língua (-*arro*, *oso*, -*ota*, etc), e no processo de sobreposição de sufixos, menos expressivo no Brasil: *vivo*, *vivaldo*, *vivaldino* — formas das quais a segunda pode ser regressiva em relação à terceira. Em termos de preferência, note-se, na gíria portuguesa, a predominância de sufixos constituídos de fonemas nasais (-*ame*, -*anco*, -*ango*, -*anho*, -*anta*, -*ante*, -*engo*, -*inas*, -*ines*, -*inha*, -*nes*, -*onga*, -*uncho*, -*unfa*, -*unho*, etc), o que não é relevante na brasileira. Em contraposição, dada a preferência, no Brasil, por vocábulos curtos, note-se que aqui se dá a sufixação a partir de uma forma regressiva:

brasileiro: *bras-uca*
delegado: *delerusca*
militar: *milico*
repetição: *repeteco*

Para evidenciar a oposição que, deste ângulo, se nota, entre as duas gírias, basta o exemplo de: *gato*, de que derivou, normalmente,

gatuno, forma alongada com que a gíria portuguesa designa o gato, enquanto a gíria brasileira volta ao termo *gato*, para designar o *gatuno*, isto é, o ladrão (41).

A preferência brasileira por vocábulos curtos, em contraposição aos longos, da fala popular portuguesa, ocorre, não só no processo de sufixação, mas também na formação geral dos neologismos. Como já observamos, os vocábulos longos ficam reduzidos à língua técnica de alguns grupos de atividade (42), enquanto em Portugal são correntes em toda a gíria:

atabanado: café servido em chávena grande.
acagalizado: atemorizado.
afergulhar: ter pressa.
alcachinado: curvado.
algueireiro: mentiroso.
amachucadelo: sova.
berzundela: pândega.
cachapenato: lugar cômodo.
cacharamba: bebedeira.
calcorrear: correr.
desarringança: boa idéia para um número de revista (teatro).
enguiunhado: :egelado.
escalhabardodotes: sapatos distribuídos aos alunos necessitados.
escarramancho: escarros.
impeciduar: chamar, alcunhar.
incandeeirado: ébrio.
incarrapacível: intolerável.
mascanhideira: boca.
restran:áido: preso.

Observem-se, entre estes neologismos, alguns de formação parasintética, segundo a norma geral da língua, processo inexpressivo no Brasil (*desencucar*, cometer desatino; *embesourado*, de mau humor, etc), que prefere composições analíticas, conforme veremos.

No tocante aos neologismos — especialmente verbos — outra oposição se pode ainda assinalar: enquanto no Brasil poliferam verbos da 1ª conjugação (com poucas exceções: *desmilingüir*, *enrustir*), em Portugal é na 3ª que se desenvolvem os verbos mais expressivos:

emponhir: empenhar.
entrujir ou *intrujir*: entender.

(41) — Este designativo também está registrado em Albino Lapa.

(42). — Cf. p. 28.

galdir: gastar, desperdiçar.
gamanchir: furtar, roubar.
ganchir: comer
lempandir: ver.
refundir: vender o produto do roubo; *ao are*, enterrar.
relapir: dormir
rustir: esconder, enganar (43).
soquir: furtar.
sornir ou *sornar*: dormir.
soquir ou *suquir*: comer, tirar, furtar.
traduquir: roubar.
ungrir: apanhar.
xurdir: trabalhar assiduamente.

É, finalmente, digno de nota o fato de que os derivados, no Brasil, se ramificam, numa verdadeira família de cognatos, distribuídos por várias classes gramaticais, enquanto em Portugal o processo é mais discreto, geralmente se limita à mesma classe, como variantes sinonímicas. Assim,

— da base *ard* — (arder), P: *ardina*, *ardosa*, *ardósia*, *ardose*, todos substantivos: a cachaça.

— da base *gad* — (agarrar), P: *gadahim*, unhas; *ganhos*, dedos *gadinhas*, *gadunhas*, *gapenhas*, mãos *gadanho*, garfo.
gadanhar, deitar a mão

Da base *bag* —, P: *bago*, *bagação*, *bagalhoça*, *baguines*, *baguinho*, *bagulho* — dinheiro.

Desta mesma base significativa, no Brasil:

bago, *bagarotes*, dinheiro
bagalhudo, homem de dinheiro
bagalhoça, muito dinheiro

Da base *bacan-* (coisa boa), em Portugal só dois derivados (*bacano*, homem rico; e *bacanaço*, o endividado que ostenta riqueza), enquanto no Brasil:

bacana, tudo que é bom, belo rico, maravilhoso
bacanão, muito bom, muito rico, muito bonito
bacaninha, (afetivo): bom, bonito, rico, simpático
bacano, o mesmo que *bacanão*.

(43). — Caldas Aulete registra *enrustir* como gíria brasileira, documentando com R. Pederneiras, *Geringonça carioca. Dic. contemporâneo da língua portuguesa*, 3 ed. Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1958, I vol. p. 1013.

bacanuda, mulher bonita, de corpo atraente
bacanudo, *bacanucho*, o mesmo que *bacano* ou *bacanão* (intensificação)
bacanagem, alta sociedade
bacanidade, admiração, bondade
bacanizar-se, exhibir-se

E da base *mich-* (coisa insignificante), em Portugal, temos: (44)

micha, chave
micha croqueira, chave com orifício
micha macha, chave com espigão maciço.
michareles, sem dinheiro
micho, sem dinheiro
michosa (bichosa?), cabeça

Mas, no Brasil:

michosa, *micha*, chave falsa
michar, fracassar
micharia, coisa sem valor
micheiro, ladrão hábil em usar chaves falsas
micho, reles, falso
michuruca ou *michuruco*, reles, sem valor
michurucagem, coisa sem valor
michuruquice, coisa sem valor
mincho, o mesmo que *micho* (cf. nota abaixo)

Composição

Um dos processos mais freqüentes de composição popular consiste na repetição de *fonemas* ou de *bases significativas*, com propósito, respectivamente, *onomatopaico* ou *intensificador*

Pertencem ao primeiro tipo os vocábulos imitativos, como:

bafafá, B: barulho
blabláblá, B: conversa sem propósito.
bochicho, *bochincho*, *buchincho*, *bochecho*, B: boato, futrica.

(44) — Parece-nos que o termo feminino (*micha*: chave) e o masculino (*micho*: coisa insignificante) têm a mesma origem. A Nascentes, em *A gíria brasileira*, com abono de Carvalho (?), sugere o hipotético *misho* (?). No entanto o étimo pode ser o francês *mince*, que, segundo Dauzat, soa “mincho à Samöen, Morzine” *Op. Cit.* p. 105.

bumba, B: queda de coisa pesada; choque; pancada.
curupaco, *curupacopapaco*, B: papagaio.
curucucu, B: galo.
dim-dom, *dindom*, B: relógio de parede.
fiu-fiu, B: mulher bonita.
flaqui-baqui, P: bofetada.
fungagá, P: música ordinária.
gluglu, B: peru.
mumunha, B: segredo.
pum-pum, B: revólver.
zum-zum, B: boato, conflito.

Se este processo, com escassos exemplos em Portugal, é preferencialmente brasileiro, a repetição de bases significativas, com propósito intensificador o é por excelência: não encontramos exemplo em A.Lapa, que não documenta formações como:

fácil-fácil: muito facilmente.
mole-mole, *molíssimo*, *facílimo*.
povo-povo, *povo miúdo*, *povo humilde*.
zerinho-zerinho: totalmente novo.

Afora este processo, que caracteriza a gíria brasileira, os demais tipos de composição, que se regem pelas normas da língua, geralmente são comuns a B e P, manifestando-se, apenas, certa preferência por este ou aquele processo.

As composições equivalentes a *substantivo*, formam-se mediante:

1. *substantivação*: *o cujo*, *o quente*, *um barato*
2. *um verbo no presente do indicativo + um nome*:
bate-papo, *conversa*, B.
papa-defunto, *agente funerário*, B.
guarda-lama, *cabelos muito crescidos sobre as orelhas*; *as orelhas*, P.
salta-pocinhas, *pessoa de andar muito estudado*, B e P.
tapa-olho, *bofetada*, B e P
3. *um pronome (o, a) + a preposição "de"*:
os da pesada, *ladrões arrombadores e assaltantes*, B.
os da pavuna, *ladrões que roubam à noite*, B.
as do rebolado, *artista do teatro de revista*, B.

Este processo, na gíria portuguesa, parece ser de carácter regional; A.Lapa o documenta com exemplos do Minde:

a da Maroa, loja
a do rijo, loja
a do Vaz Neto, loja

4. *uma frase:*

aquela que matou o guarda, cachaça, B.
moinhos da fonte da classe do neto, notas, papéis de
banco, P (também do Minde).

As composições equivalentes a *qualificadores*, isto é, a *adjetivos* e *advérbios*, talvez o mais vivaz dos processos brasileiros deste tipo, não estão documentadas em A.Lapa. As de valor *adjetivo* formam-se, entre nós, a partir de:

1. *um substantivo + um adjetivo:*

barra-limpa, (indivíduo) de boas qualidades, B.
caixa-alta, (indivíduo) rico, B.

2. *a preposição “de” + um verbo no infinitivo:*

de amargar, lamentável, B.
de morrer, triste, terrível, B.

3. *uma locução:*

a fim. ou a fim de ., inclinado, disposto, B.

4. *uma frase:*

colírio para os olhos, bonita (a mulher), B.
flor que não se cheira, pouco recomendável (pessoa), B.
pra ninguém botar defeito, excelente, B.
sujeito a chuvas e trovoadas, incerto, perigoso, B.

As composições de valor *adverbial* obedecem geralmente a esquemas constituídos de:

1. *um substantivo no plural:*

agradou horrores, muito, B.

2. *a preposição “pra” (para) + um substantivo ou um verbo no infinitivo:*

pra burro, muito, B.
pra valer, de fato.

3. *a preposição “em” + um nome*

na batata, certamente, B.
no duro, de fato, B.

4. *uma locução:*

naquela base, como se sabe, B.
sem essa, não, nada disso.
a leite de pato, grátis, sem despesa.

5. *uma frase: e lá vai fumaça, e mais alguma coisa que não foi vida, muitíssimo.*

Alterações semânticas

A observação dos processos constantes nos exemplos recém-referidos (*de. .pra. .*) permite perceber o intento popular de reforço semântico, de *intensificação*.

Aparentemente, não tem muito sentido, num estudo de gíria em geral, uma referência especial aos processos de intensificação, uma vez que se trata de característica de toda gíria. O que se pretende, aqui, é apenas realçar os processos mais significativos, ou que vigoraram com mais insistência, no Brasil e em Portugal.

De grande vivacidade, na gíria brasileira, é a utilização de unidades semântico-gramaticais, tradicionalmente indicativas de grau (*diminutivos, aumentativos, superlativos*), que, livres dessa função, assumem valor afetivo:

- azulzinha, azuladinha*, tipo de cachaça, B.
- branquinha*, cachaça, cocaína, B.
- fichinha*, coisa ou pessoa insignificante, B.
- panelinha*, conchavo, B.
- peixinho*, protegido, B.
- pilequinho*, bebedeira, B.
- santinha*, cachaça, B.
- vaquinha*, arrecadação de dinheiro entre amigos, B.
- de fininho*, sorrateiramente, B.
- pular miudinho*, passar aperto, B.
- bonzão*, bom, simpático, B.
- desinformadão*, desatualizado, B.
- esbanjão*, esbanjador, B.
- jogão*, jogo muito bom, B.
- reclamão*, indivíduo que reclama demais, B.
- tijolão*, chute muito forte, B.
- timão*, time (de futebol) muito querido, B.
- velhão*, grande amigo, B.

Não conseguimos colher exemplo disto em Albino Lapa (45). Assim como de superlativo em *-errimo*, que, graças ao fonema /rr/,

(45). — Maria Manuela Moreno Oliveira, embora não se refira especificamente à gíria, registra o processo em Portugal, exatamente como no Brasil, a partir de a) — *caracterizador* (adjetivo) + *ÃO* (mauzão, pesadão, ignorantão, etc); b) — *substantivo* + *ÃO*: barulhão, bocadão, colheitão, friozão, et.

Cf. *Processos de intensificação em português*, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1972, pp. 73, 74, 75.

que parece funcionar como reforço, tem muito voga na gíria brasileira e se aplica a qualquer base significativa nominal:

afinadérrimo
animadérrimo
bonequíssima (mulher muito elegante).
brotérrima (mulher jovem e muito bonita)
exclusivérrimo
favoritérrimo
uvérrima (mulher muito bonita)

As formas em *-íssimo*, desgastadas, são, como se vê, substituídas por formas em *-errimo*; quando ocorrem, aquelas se aplicam a bases significativas estranhas ao processo normal da língua (46)

bonequíssima (mulher muito bonita)
estrelíssima (estrela muito famosa).

Com a usura dos sufixos normalmente indicativos de graus, e seu aproveitamento fora dessa função, ocorre substituição, em relação à função esvaziada. Modernamente, o *diminutivo* é expresso com o sufixo *mini-*, o *aumentativo* com *maxi-*, o *superlativo* com *super-* e *hiper-*. (47) Também valor *superlativo* tem o sufixo *-udo*, aposto a substantivos:

bacanudo, muito bacana, B.
bossudo, de muita bossa, B.
estreludo, de muita sorte, B.
sortudo, de muita sorte, B.

E, ainda, a forma de composição reiterativa, já mencionada (48): *mole-mole*, *fácil-fácil*, assim como o uso da preposição *pra*, seguida de nome ou verbo infinitivo: *pra burro*, *pra cachorro*, etc. (49)

No âmbito do vocábulo, como já assinalamos (50), a deslocação acentual constitui meio de intensificação: *esquêsito* é propriamente um superlativo de *esquisito* — e *esquêsito* ainda mais.

(46). — Embora não consignado na obra que é fonte deste trabalho, sabemos da ocorrência do processo em Portugal, usado, como diz M. Manuela Moreno Oliveira, “em tom de brincadeira” (*imensérrimos*, *sosíssimo*, *despedi-díssima*, etc). Cf. *Processos de intensificação em português*, pp. 65, 66.

(47) — *Id. Ibid.*, p. 70. Note-se que a A. liga o fato à linguagem jornalística e não propriamente à gíria.

(48). — Cf. p. 43, 44 deste trabalho.

(49). — Cf. p. 45 deste trabalho.

(50). — Cf. p. 33 deste trabalho.

Já no contexto da frase, a entonação pode assumir função intensificadora. Classes gramaticais normalmente inexpressivas, para essa finalidade, como artigos e demonstrativos, adquirem especial relevo, conforme a entonação que se lhes imprime, e é exatamente esse fator que permite enquadrar na gíria frase como: (51)

*foi "a" festa, foi a maior festa que se pode imaginar.
esse é "o" negócio, o negócio é excepcional.
o espetáculo foi "uma" coisa, espetáculo fora do comum.
"aquele" abraço, um grande abraço.*

Todos estes processos de intensificação, não registrados por A. Lapa — talvez em virtude do plano da obra — são freqüentíssimos no Brasil. (52)

Metáfora-Ironia

Se considerarmos que a metáfora é processo intensificador por excelência, não estranha o fato de que seja base de muitas formações gíricas: "La métaphore spontanée et jallissante provoque un sentiment parce qu'elle exprime un sentiment: elle est un des moyens les plus efficaces pour transmettre une émotion." (53) Assim, a partir do mesmo recurso, o que diferencia a gíria brasileira da portuguesa será o tipo de metáfora preferida.

O tipo mais popular de metáfora baseia-se numa relação física — forma, cor, cheiro, som, etc:

*abóbora, cabeça, P
alpendres, óculos, P
estalo, estampa, estampilha, bofetada, P
firmamento, capa acadêmica, velha e esburacada, P
grelha, prisão, P
lágrimas, uvas, P
macarrão, divisas, galões militares, B.
museu, pessoa macróbia, B.
redondo, prato, B.
salchicha, pneu de carro, B.*

(51). — OLIVEIRA, M. Manuela Moreno, *Op. Cit.*, p. 29 e ss

(52). — Aliás, a bibliografia brasileira, de que nos servimos, também não fornece elementos prosódicos. Apenas Ariel Tacla tenta, imperfeita e assistematicamente, registrar pronúncia. (Cf. *Dicionário dos marginais*, Rio de Janeiro, Gráf. Record Ed., /1968/, passim.

(53). — LE GUERN, Michel — *Sémantique, De la métaphore et de la métonymie*, Paris, Larousse, /1973/, p. 75.

tampinha, indivíduo de baixa estatura, B.
violão, quadris da mulher, B.

Há, porém, um tipo de relação mais sutil, que se processa em nível abstrato:

acepipe, passeio, P.
afiambrado, indivíduo bem vestido, P.
naufrágio, canja com um só pedaço de frango, P.
rapsódia, sopa miscelânea, P.

Este tipo, de evidente cunho intelectual e acento irônico, é raro no Brasil, talvez pelas razões já referidas, de provir, grande parte da gíria portuguesa, dos meios universitários, enquanto a brasileira emana sobretudo das classes mais incultas.

Pela mesma razão, talvez seja a *ironia* outra fonte produtora de gíria muito mais fluente em Portugal que no Brasil:

arpejo, arrote, P.
artista, rapaz que passa a vida na rua; vadio, larápio, vendedor de jornais, livros ou caixas de fósforos, P.
cabina de som, retrete, privada, P.
castelo, retrete, privada, P.
habitante da torre, piolho, P.

Por *antítese* se explicam muitas destas formações, como:

ácidos, os oficiais ou pessoal militar das frentes, em oposição ao da retaguarda, as *bases* -P

Por *metonímia* se pode explicar o largo uso, nas duas gírias, de nomes próprios por nomes comus:

Brasil — *Alcides*, indivíduo tímido, fraco, medroso.
Amélia, mulher dedicada, trabalhadora.
Barnabé, funcionário público.
Belarmino, louco, imbecil.
Calixto, indivíduo que traz mau agouro ao jogo.
Catarina, recruta louro (de Sta. Catarina ou não)
Chaves (Seu. .), carcereiro.
Cornélio, marido enganado.
Cremilda, dentadura postiça.
Cristina, maconha, cocaína.
Cristo, vítima.

Dalva, galinha.
Dona Felícia, felicidade.
Dona Inácia, disciplina.
Dona Juanita, maconha.
Dona Justa, polícia.
Dona Maria, polícia.
Donato, morador da casa que vai ser assaltada.
Domitila ou *Donitilha*, mulher de ladrão.
Estácio, indivíduo tolo, otário.
Firmino da Silva, indivíduo calado e conformado.
Jaquim, otário.
Jeremias, criança que chora de noite.
João (fazer de.), bobo.
Joaninha, algemas.
Julião, otário.
Justa, *Justina*, *Justaliana*, justiça.
Leonor, bola de futebol.
Miguel, sanitários.
Otaviano, otário.
Patrícia, aguardente.
Pedrinho, nota de um cruzeiro novo.
Rafael, cigarro de maconha.
Rosa Maria, cigarro de maconha.
Xavier, carcereiro.

Claro que nem sempre o símbolo que o nome próprio representa pode ser facilmente explicado, pois às vezes se prende a um traço cultural que já se perdeu; outras vezes, sobretudo na gíria brasileira, trata-se de um elo puramente fônico, que liga dois termos cognatos (*dono*, *Donato*) ou sem nenhuma relação etimológica (otário-Otaviano). Na gíria portuguesa, este último fator mal se percebe:

Adelaide, indivíduo efeminado.
Almeida, varredor de rua.
Alonso, desentendido.
Amélia, primeiro tenor (Coimbra); efeminado; galanteador.
Mas: *Dona Amélia*, o que se deixa enganar.
Anacleto, entendido em tauromaquia.
André, mestre de música; regente; crítico.
António Ferreira, podão, pessoa fraca, trôpega.
Barbosa, pederasta.
Belisário, moeda que se dá ao jogador que perdeu tudo.
Bernarda, motim.

Bernardina, bebedeira.
Constância, indivíduo gabarola.
Cardoso, pederasta.
Chiquita, bebedeira.
Claudina, nádegas.
Clementina, moeda de prata de 500 réis.
Cristina, camisa.
Dona Guida, casa de penhor.
Dona Elvira, automóvel antigo.
Fabiano, pobre diabo, sujeito inofensivo.
Francisca, namorada.
Francisco Paiva, cigarro.
Francisco Vaz, padre.
Francisco Vazancho, bispo.
Francisquinho, copo de vinho.
Gregório, órgão masculino.
Guimarães (o de. ., um de.), tesoura, canivete, toalha.
Horácio, invertido.
Inácio, curandeiro.
Jacinto, menstruação.
Jan Coelho, juiz de Direito; a justiça.
Jaquina, bebedeira.
Joaninha, bebedeira.
João meia-dúzia; . das cinco respostas, revólver
João da Cruz, dinheiro.
João da rua, vento.
João das penhas, pernas.
Joãos do vale, dentes.
João Pestana, sono.
Jordão, compadre.
Juliana, bebedeira.
Lopes, escrementos.
Lourenço, indivíduo efeminado.
Lucas; invertido; maluco.
Luísa, metralhadora ligeira.
Mané de Sousa, órgão masculino.
Marta, bebedeira.
Matias, palestra.
Miguel, agente de polícia.
Pai Gonçalo, indivíduo fraco; marido dominado.
Paulino, coelho
Rodriguinho, *Rodriguito*, aquele que, no teatro, faz papel que provoca lágrimas.

Santo Amaro, presunto.
Santo Cristo, navalha.
Sebastiana, masturbação.
Simão, macaco.
Vicente, gato; corvo.
Zé, órgão masculino.
Zé dos anzóis, um indivíduo qualquer.
Zé Pedro, bigodes.

Especificação de sentido

Alterações semânticas de relevo, que vêm, de há muito, chamando a atenção dos estudiosos da língua em todos os seus níveis, são as *especificações de sentido*, que, devidas a fatores psico-sociais, refletem a cultura em questão, e, portanto, podem caracterizar as gírias de Brasil e Portugal:

Abotoar:

B, morrer; agarrar alguém pela lapela.
P, enriquecer ilicitamente.

afinar:

B, confessar.
P, arreliar, zangar.

alto (estar):

B, estar embriagado.
P, ter dinheiro, gastar muito.

andar de queixo caído;

B, admirar-se.
P, estar decepcionado, desgostoso.

apoquentado: . .

B, aborrecido.
P, bife.

barbeiro;

B, mau motorista.
P, frio ventoso que faz arrepiar

bico de papagaio:

B, defeito na coluna vertebral.
P, grão de bico.

bode:

B, mulato; briga, confusão.
P, homem feio.

- bode* (*dar*):
B, briga, confusão.
P, queda no picadeiro.
- bóia*:
B, refeição.
P, tocinho.
- bolada*:
B, grande quantidade de dinheiro.
P, sorteio, em aula, para chamada oral.
- bolar*:
B, inventar, arquitetar.
P, escarnecer.
- bolha* (*ser um.*):
B, pessoa insignificante, bobo.
P, maluco, sem juízo.
- bronca*:
B, repreensão, crítica.
P, bebedeira, encrenca.
- bronca* (*dar a.*):
B, repreender, censurar.
P, confessar o crime.
- cabeçada*:
B, desatino.
P, viagem clandestina.
- carango*:
B, automóvel. (54).
P, soldado de infantaria.
- dica*:
B, denúncia, delação, indicação.
P, espreita.
- enfiado*:
B, envergonhado.
P, pálido, descorado.
- engomado* (*estar*):
B, bem vestido.
P, estar na cela, por castigo.
- escarrapachar*:
B, sentar-se displicentemente.
P, dizer tudo que sabe.

(54). — Trata-se, evidentemente, de forma regressiva de *caranguejo*, termo que, em Portugal também significa automóvel. No Brasil usa-se também *caraguejola*.

esfrega:

B, reprimenda, lição.

P, baile.

estriilar:

B, reclamar (55).

P, revelar o que sabe.

fenemê:

B, caminhão.

P, cigarro.

fiilar:

B, pegar ou pedir, sem intenção de pagar.

P, prender, apanhar.

foca:

B, jornalista novato.

P, avarento.

gaita:

B, dinheiro.

P, reprovação.

galinha:

B, mulher devassa.

P, azar.

gamar:

B, enamorar-se.

P, furtar com sutileza.

lanterna:

B, o último, em certas competições.

P, garrafa de vinho.

macaca:

B, azar.

P, bolsa, carteira.

mancar:

B, cometer um engano; faltar com a palavra.

P, espreitar, vigiar.

maneca:

B, manequim.

P, maçã.

micho:

B, insignificante, ordinário.

P, sem dinheiro.

pé-de-boi:

B, indivíduo trabalhador.

P, indivíduo sem cultura; ignorante.

(55) — Neste sentido, em Portugal: *estrilhar*.

pechincha:

B, mercadoria de preço muito vantajoso.

P, amante.

pedra no sapato (ter ou estar com. .):

B, ter dificuldade.

P, estar prevenido, acautelado.

picareta:

B, indivíduo aproveitador, oportunista; negociista duvidoso.

P, nariz muito grande e recurvo.

pingente:

B, indivíduo que viaja pendurado em veículo de transporte coletivo.

P, amante; mulher feia.

pipi:

B, urina.

P, tipo efeminado; órgão genital das crianças.

pistola:

B, órgão genital masculino.

P, garrafa de vinho.

pito:

B, repreensão.

P, vagina.

pivete:

B, menor delinqüente.

P, mau cheiro.

podar (fazer a poda):

B, cortar relações, eliminar.

P, acusar, dizer mal, ralhar.

poeira:

B, de baixa categoria (cinema).

P, embuste para encobrir patifaria.

poleiro:

B, galerias (nos teatros).

P, companheiro.

pomada:

B, indivíduo vaidoso, arrebicado, bem vestido.

P, vinho muito bom.

-dar a...: bajular.

quadrado:

B, indivíduo desatualizado.

P, (Porto), avental.

quebranto:

B, mau-olhado.

P, monóculo.

quente:

B, verdadeiro; indivíduo perito em qualquer coisa.

P, embriagado.

quinau:

B, logro.

P, sol, soalheira.

sacana:

B, indivíduo descarado (56).

P, rapaz que começa a praticar a pederastia passiva; mau; masturbação.

saco:

B, testículos; pessoa ou coisa aborrecida; paciência.

P, prisão.

sapeca:

B, desinvolto, assanhado; correção, surra.

P, qualquer moeda de prata ou cobre.

sinagoga:

B, cabeça.

P, casa onde ninguém se entende; confusão, atrapalhão.

sopa (dar):

B, favorecer, dar facilidade.

P, negar um favor.

tareco:

B (ou *treco*), coisa.

P, gato.

torcida:

B, incentivadores de um conjunto esportivo (57).

P, bebedeira.

uva:

B, mulher bonita.

P, carta de bacharel; bebedeira.

vaquinha:

B, cotização entre amigos, para enfrentar uma despesa.

P, bilha de leite.

viúva:

B (*alegre*), viatura policial.

P, garrafa de vinho tinto; a forca (antigo)

zebra:

B, ocorrência inesperada.

P, maluqueira, mania.

(56). — O verbo *sacanear* estabelece a aproximação dos dois sentidos: *fazer mal, ser desleal*, P.

(57). — Neste sentido, em P: *falange de apoio*.

Sintaxe

Na construção portuguesa, o que se observa, de início, é a manutenção da norma, no uso de preposições, e a preferência por certos verbos que aparecem menos, ou nunca aparecem na gíria brasileira; além disso, alguns poucos usos típicos, como o do pronome *lhe*, que não ocorre na fala do Brasil, a não ser em nível coloquial familiar, e, assim mesmo, em desacordo com a norma gramatical (*acho que já lhe conheço*). Na gíria portuguesa são freqüentes frases como:

guinda-lhe a senha da aldabra do justo: rouba-lhe a carteira do bolso do casaco.

luzir-lhe o pelo: diz-se ao que ganha e vive bem.

meta-lhe o dedo na boca: diz-se da pessoa que se faz de parva sem o ser.

Ainda em relação a pronomes, encontram-se, na gíria brasileira, as mesmas características observadas em outros níveis da língua: *pronome reto* como *objeto direto*, *pronome átono*, em *início de frase*, etc:

engole ele: roupa muito grande para quem a veste.

se arrancar, se mandar: ir-se embora, fugir.

se estrepar: sair-se mal, comprometer-se.

Em relação a verbos, há, também usos típicos portugueses: *haver*, *impessoal*, no sentido de *existir*, que, no Brasil, só o coloquial refletido acusa, é abundante na gíria em Portugal:

há baile?: pergunta-se a quem limpa o nariz com os dedos.

há, mas são verdes: diz-se, de coisa inatingível (58).

há trampa no beco, há fita no café (59)

no cortiço não havia nadantes: a casa estava vazia.

quando há vento é que se molha a vela: deve-se aproveitar a ocasião.

quê c'houve?: que aconteceu?

Às vezes, porém, o mesmo significado é expresso, no Brasil e em Portugal, com os mesmos significantes e ligeira variação na escolha de palavras gramaticais — geralmente preposições e artigos:

(58). — Expressão equivalente, aproximadamente, no Brasil, é *não vem, que não tem*: não adianta; não lhe aproveita — expressão que traz o verbo no presente do indicativo, em função imperativa e o verbo *ter* no sentido de existir, típico do português do Brasil, em todos os níveis.

(59). — A. Lapa não registra o sentido destas duas expressões.

- provocar desordem: *armar banzé*, B.
armar ao banzé, P
estar sem recursos: *estar* ou *andar por baixo*, B.
estar ou andar em baixo, P
estar desconfiado: *estar com a pulga atrás da orelha*, B.
estar com a pulga no ouvido, P
ser parcial: *puxar a brasa pra sua sardinha*, B.
puxar a brasa à sua sardinha, P

Há, pois, uma nítida preferência, em cada gíria, por este ou aquele termo, esta ou aquela construção, podendo-se, pois, falar em estilo popular português e estilo popular brasileiro, bem caracterizados. Certos verbos, por exemplo, só aparecem numa delas, ou numa delas é raro. É o caso dos verbos: *armar*, 10 verbetes em Lapa, 2 no Brasil; *arrear*, 11 em Lapa, 2 no Brasil; *andar*, que não consta em nenhum verbete de A. Nascentes, e ocorre em 4 de Euclides Carneiro da Silva, aparece em 49 de Lapa, com várias construções, todas dentro da norma da língua:

- andar*: perder ao jogo: dar; pagar; ficar reprovado.
andar forte, *andar cheio dele*: ter dinheiro.
andar à divina: ser pobre.
andar com a saia mal talhada: estar grávida.
andar de monco caído: estar triste.
andar na broa, *na ema*: estar embriagado.
andar sem sal — estar aborrecido.

Já o verbo *ir* é relativamente freqüente na gíria brasileira — 20 verbetes em Carneiro da Silva — mas se destaca em 46 de Lapa; a riqueza dessas construções decorre do uso variado das preposições, que lhes conferem muitos sentidos conotativos:

- ir um brinco*: estar asseado; bem vestido; bonito.
ir feito: estar no segredo de alguma coisa.
ir à bola: simpatizar com alguém.
ir à parede de toque: ser acareado.
ir às fuças: dar bofetadas.
ir ao Brasil: ser enganado.
ir em cana: ser preso.
ir na pizeza: safar-se.
ir num sino: excelentemente.
ir para as malvas: morrer etc.

Comparem-se essas construções com as brasileiras: nenhuma das 20, de Carneiro da Silva, inclui a preposição *a*, nem as 2 de A. Tacla

(que trata, especificamente da camada mais popular da gíria: a dos marginais); 6 verbetes de Felisbello da Silva a incluem (*ir à boca; ir à igreja; ir a pique; ir à vida; ir às favas; ir à reza*), mas não são construções eminentemente populares. Há, ainda, algumas construções de *ir*, em que Brasil e Portugal coincidem; são construções em que a noção de *movimento* praticamente desapareceu:

ir em cana: ser preso.

ir no conto: ser enganado e furtado.

ir no embrulho: ser enganado.

Fatos da mesma ordem se verificam com as construções do verbo *estar*, muito abundantes na gíria brasileira: 97 verbetes em Felisbello da Silva, entre as quais se encontram algumas com a preposição *a* (*estar a nenhum, estar a grito, estar a perigo*), de uso raríssimo e quase sempre em desacordo com a norma da língua. Outro verbo de grande voga, no momento, é *puxar*, que em Portugal só aparece em expressões antigas, vigentes também na língua familiar do Brasil, em sentido denotativo: *puxar a brasa à* (B: *para a*) *sua sardinha; puxar os cordelinhos; puxar pela língua*, etc. O uso atual desse verso, na gíria brasileira, pouco altera o seu sentido denotativo:

puxar o carro: ir-se embora.

puxar corda ou *puxar barbante*: estar sob sindicância, ou sendo processado.

puxar o fumo, a fumaça, a erva, xibaba: fumar maconha..

puxar um ronco, uma pestana, uma sorna, uma palha: dormir.

puxar um fogo: estar embriagado.

puxar mofo, ou *puxar uma cana*: ficar preso.

puxar uma gaiata, ou *puxar o couro*: roubar uma carteira.

puxar uma etapa: cumprir pena demorada.

puxar tempo: cumprir pena.

Ao contrário do que ocorre em Portugal, em que o uso de várias preposições com o mesmo verbo caracteriza construções diferentes (cf. *ir, andar, levar*, etc), os exemplos brasileiros acima referidos pertencem a um só tipo de construção; o que ocorre é apenas especificação de sentido, na dependência do objeto direto. “Mutatis mutandis”, trata-se do mesmo fato que já assinalamos, no campo lexical: uma vez caído no gosto do povo, o termo se repete por ramificação, desenvolvendo uma grande família de cognatos. (60) Assim também uma construção, tornada popular, se repete como uma fórmula. Tai

(60). — Cf. p. 41, 42.

padronização de processos não encontra equivalência em Portugal, salvo, talvez, na recorrência de certos sufixos. (61)

Percebe-se, ainda, nas construções portuguesas, grande apego à norma, que assim se revela viva, já que está na boca do povo. No Brasil, os desvios em relação à norma são maiores e seriam talvez mais bem documentados no campo da prosódia — em que não nos aventuramos, neste trabalho.

De forma geral, este rápido levantamento das características das duas gírias, para fins de cotejo, evidencia, de início, o *caráter europeu* da gíria portuguesa — europeu, não por sua natureza ibérica, pois este é um fato que se transmite ao Brasil, mas por *comunidade de processos* em relação a outras gírias da Europa, como a francesa, por exemplo. Isto não se verifica no Brasil, situado na área de influência norte-americana, e muito sensível à língua da publicidade e da propaganda, além de pouco apegado às suas tradições, em termos de cultura indígena e africana.

Evidentemente, o contingente lexical ligado à cultura técnico-científica moderna, de origem alienígena, que é ponderável nos dois países, não constitui ponto de contraste.

Fator de real diversificação, que marca, não só o léxico, mas outros campos da língua popular, é a influência das comunidades universitárias e estudantes em geral, sem relevo, no Brasil, o que permite emersão da gíria de outras comunidades, sobretudo a dos marginais. Isto explica o *caráter primário* da gíria brasileira, em quase todos os campos, conforme se pode deduzir de suas principais características: *adaptação fônica dos empréstimos*, feita por um povo que mais ouve do que lê; *derivação por encurtamento* do vocábulo (*formas regressivas e deverbais*); correlatamente à *rejeição dos polissílabos*, principalmente *proparoxítonos* (com exceção das línguas técnicas), *proliferação de oxítonos* e formação de *novos paroxítonos*; recurso à *sufixação* para constituição de muitas *unidades morfológicas, em torno da mesma base semântica*; recurso à *prefixação*, de preferência, *para fins de intensificação*; frequência de *composições redundantes e onomatopaicas*; recursos *intensificadores de ordem fônica: deslocamento de acento tônico e entonação* da frase; gosto de *formas analíticas*, em geral; repetição de *fórmulas sintáticas*, em que uma unidade gramatical ganha expressão e reforça uma base significativa esvaziada; recurso a *metáforas primárias*; pouco aproveitamento de formas sutis de relação, como a ironia; grande número de *especializações semânticas*, em correspondência às diferenças culturais que ca-

(61) — Cf. p. 37, 38, 39, 40.

racterizam o País, em relação a Portugal; *escasso aproveitamento de recursos de ordem gramatical*, sem que isso signifique delineamento de uma norma característica da língua popular — tais são, em linhas muito gerais, os principais traços que individualizam a gíria brasileira em face da portuguesa.

* *
*

BIBLIOGRAFIA.

FONTES

- LAPA, Albino — *Dicionário de calão*, 2 ed. /Porto/, Ed. Presença, /1974/
NASCENTES, Antenor — *A gíria brasileira*, Rio de Janeiro, Academia, 1952.
SILVA, Euclides Carneiro da — *Dicionário da gíria brasileira*, Rio de Janeiro, Bloch, 1973.
SILVA, Felisbelo da — *Dicionário de gíria*, 5 ed., São Paulo, Ed. Prelúdio, s.d.
SOUTO MAIOR, M. — *Dicionário folclórico da cachaça*, Recife, Of. de Mousinho Artefatos de Papel, 1973.
TACLA, Ariel — *Dicionário dos marginais*, Rio de Janeiro, Gráfica Record Ed. 1968. p

OBRAS GERAIS

- BALDINGER, K. — “La biographie des mots” apud REY, Alain, *La lexicologie*, Paris, Klincksieck, 1970, p. 154 e ss.
BASTUJI, Jacqueline — “Aspects de la néologie sémantique”, in *Langages* La néologie lexicale. Paris, Didier-Larousse, dez. 1974, ano VIII, nº 36, pp. 6 a 19.
CALDAS AULETE, F. J. — *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, 3 ed., Lisboa, Parceria A. M. Pereira, /1952/, 2 vol.
DAUZAT, Albert — *Les argots-Caractères-Évolution-Influence-Index* Alphabétique. Paris, Delagrave, 1946.
FERREIRA, Aurélio B. de Holanda — *Novo dicionário Aurélio*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, /1975/
FEYRY, Monique — “La néologie — L’anglomanie dans les marques de fabrique et les raisons sociales françaises”, in *La banque des mots*, Revue semestrielle de terminologie française. Conseil International de la langue française. Paris, Presses Universitaires de France, nº 6, 1973.
FRANCO, Cid — *Dicionário de expressões populares brasileiras*. São Paulo, Fundo Estadual de Cultura, Editoras Unidas, /s.d./, 3 vol.
GUIRAUD, Pierre — *L’argot*, Paris, Presses Universitaires de France, 1958.
— *Les mots savants*, Paris, Presses Universitaires de France, 1968.
— *Les mots étrangers*, Paris, Presses Universitaires de France, 1971.

- HAMPEJS, Zdenek — “Alguns neologismos e peregrinismos do Português do Brasil” in *Letras, Rev. dos Cursos de Letras da F.F. da Univ. do Paraná*. Imprensa da Univ. do Paraná, 1961, nº 12, pp. 49 a 66.
- LA RUE, Jean — *Dictionnaire d'argot et des principales locutions populaires, précédé d'une Histoire de l'argot*, par CASCIANI, Clément. Paris, Flammarion, /1948/
- LE GUERN, Michel — *Sémantique. De la métaphore et de la métonymie*. Paris, Larousse, /1973/
- NASCENTES, A. — *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, /s. Ed./, 1932.
- OLIVEIRA, M. Manuela Moreno — *Processos de intensificação em português — A entonação. Processos morfológicos e sintáticos*. Lisboa, Centro de Estudos filológicos, 1972.
- REY, Alain — *La lexicologie*, Paris, Klincksieck, 1970.
- SILVA, Euclides Carneiro da — *Dicionário de locuções da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Bloch, 1975.
- Dicionário da gíria brasileira*, Rio de Janeiro, Black, 1973.
- SOUTO MAIOR, M. — *A morte na boca. do povo*, Rio de Janeiro, Livr. S. José, 1974.
- TONIOLLO, Ennio José — “Proparoxítonos populares”, in *Littera*, Rio de Janeiro Grifo, 1974, nº 11, maio-agosto, Ano IV
- VIOTTI, M. — *Novo dicionário da gíria brasileira*, 3 ed. ref. corr. e muito aum. São Paulo — Rio de Janeiro, Livr. Tupã /1957/
- OBRAS LITERÁRIAS.
- BENEDETTI, Mario — *Gracias por el fuego*, México, Ediciones Era, 1969.
- CABRERA INFANTE, G. — *Tres tristes tigres*, 3 ed., Barcelona, Editorial Seix Barral, 1969.
- CORTAZAR, Julio — *Final del juego*, 10º ed., Buenos Aires, Editorial Sudamericano, 1970.
- FUENTES, Carlos — *La región más transparente*, 10 ed., México, Fondo de Cultura Económica, 1969.